

Governo Lula teme por Mercosul com triunfo de radical

Planalto vê derrota para região e teme pelo Mercosul

Integrantes do governo comparam com eleição de Bolsonaro em 2018

Mariana Holanda, Renato Machado e Nathalia Garcia

BRASÍLIA O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) viu na vitória de Javier Milei na Argentina, neste domingo (9), uma derrota para a região, e teme pelo futuro do Mercosul.

No ponto de vista político, Milei está mais próximo de uma direita que faz oposição ao governo petista no Brasil, em sua oposição, e crítica o fortalecimento da região em bloco.

Além disso, auxiliares de Lula comparam a disputa à eleição de Jair Bolsonaro (PL) em 2018 e dizem ser a pior derrota da história do peternismo.

O petista não ligou para o presidente eleito, mas falou em democracia, desojou sobre o exército novo governo nas redes sociais — sem citar Milei diretamente, Bolsonaro, por sua vez, parabenizou o alado e disse que a "esperança voltou a brilhar".

Chamou a atenção de governistas brasileiros, sobretudo, a margem na eleição, muito superior à esperada para Milei. O economista e deputado foi eleito com 55,7% dos votos válidos, contra 44,3% de Sergio Massa, com 99% das urnas apuradas.

Ainda candidato, Milei chegou a afirmar em entrevista que deixaria o Mercosul, em caso de vitória. Membros da equipe econômica do presidente da Folha consideram que a vitória trará mais incerteza para o cenário regional e para o manejo de acordos comerciais, como a negociação entre Mercosul e a União Europeia.

Agora, interlocutores do chefe do Executivo e integrantes da equipe econômica dizem que resta saber se ele manterá o discurso radicalizado após eleito.

Disso também dependerá a postura do governo brasileiro. Auxiliares palacianos afirmam que Lula não atuari ou falará publicamente contra o novo presidente argentino. Poderá ser mais crítico, por exemplo, se de acabar com a tarifa externa comum.

Nas últimas semanas, a campanha de Milei enviou recados ao governo brasileiro, por meio de sua embaixada, no sentido de abruar ânimos e dizer que a relação com o país é muito relevante.

Auxiliares de Lula dizem não saber se ele participará da posse de Milei, em 10 de dezembro, mas muitos defendem que ele não vá, para evitar desgastes. Até mesmo porque há dúvidas se ele receberá crédito da Argentina.

Há uma leitura, entre diplomatas e analistas palacianos, de que dificilmente a vitória do ultraliberal representará um retrocesso não expressivo nas relações bilaterais entre os dois países, que já estariam consolidadas. A Argentina é o principal parceiro comercial na América do Sul.

A postura pública de Milei, contudo, ainda deixa dúvidas sobre como ele atuará. Durante a campanha, ele chamou o bloco de "união aduaneira deficiente" e disse que a Argentina "separaria seu próprio caminho".

Ele, que se declarou um "narcocapitalista", diz discordar de qualquer tipo de intervenção de um Estado sobre transações comerciais de outro. Depois do primeiro turno, o ministro Fernando Haddad (Fazenda) disse que estava acompanhando o pleito argentino "com interesse" de vista ao Mercosul e defendeu a integração regional. Em julho, o presidente Lu

iz Inácio Lula da Silva (PT) recebeu do governo argentino a presidência temporária do bloco econômico, com mandato até o fim de 2023, tendo a retomada da integração sul americana como uma de suas prioridades.

Segundo o governo brasileiro, o Mercosul movimen

nou US\$ 46,1 bilhões no comércio interno em 2022. Já o intercâmbio comercial com o restante do mundo foi de US\$ 727 bilhões no ano passado, dos quais US\$ 398 bilhões referem-se a exportações. Os principais destinos das vendas do bloco são China, Estados Unidos e Holanda.

Milei disse também durante a campanha eleitoral que pretendia limitar o comércio com o Brasil. Hoje, a Argentina é o terceiro maior parceiro comercial do país, atrás apenas de China e Estados Unidos. Politicamente, a vitória de Milei também não é boa para Lula. O então candidato, além

de receber apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), manteve uma retórica de ataques ao petista, a quem chamou de "corrupto" e ameaçou com a ruptura de relações com o Brasil.

Lula, por sua vez, evitou confronto direto com Milei ao longo da maior parte da campanha.

Seus ministros, no entanto, foram mais vocais e celebraram o resultado do primeiro turno, com o governista Sergio Massa à frente. Alguns chegaram a postar fotos com Massa. Agora, se limitaram a repostar a manifestação de Lula.

Durante a campanha, o candidato ultraliberal atacou por diversas vezes Lula e acusou o

mandatário e o governo brasileiro de buscar influenciar as eleições argentinas.

Um dos momentos de maior tensão foi quando Milei chamou o petista de corrupto e comunista, além de declarar que não pretendia encontrá-lo, caso fosse eleito, durante entrevistas a um jornalista peruano. "Um comunista", afirmou Milei, ao que o repórter acrescentou: "É um grande corrupto, não?". Por isso este texto prossegue.

Lula esteve fora do embate na maior parte da campanha eleitoral argentina, mas narrou a final decidiu fazer críticas veladas a Milei, ao sugerir que um presidente argentino precisa "gostar de democracia" e "gostar do Mercosul".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 13